

ESCLARECIMENTO PÚBLICO DE ANTIGOS DIRIGENTES DA AAC

A Direcção Geral da AAC, em funções desde 5 de Março último, publicou recentemente dois comunicados (n.ºs 5 e 6 de 14 e 17 de Maio respectivamente) que os abaixo-assinados não podem deixar passar em claro. De facto, na sua qualidade de antigos membros das Direcções Gerais que antecederam a actual, desde 25 de Abril de 1974, consideram-se parte lesada pelo conteúdo daqueles dois documentos. As razões para esta atitude, que poucos (os acusadores, provavelmente) não considerarão plenamente justificadas, são da mais variada ordem.

Em primeiro lugar as acusações são lançadas irresponsavelmente sobre as Direcções Gerais anteriores, na sua generalidade, tentando depois rotula-las como tendo sido sempre integradas ou manipuladas por uma organização política - a UEC. Reconhecendo neste procedimento uma técnica já gasta de manipular a opinião pública, não esperaríamos no entanto vê-la utilizada por uma estrutura associativa com as responsabilidades de uma Direcção Geral. Não só enquanto antigos dirigentes da AAC nunca utilizámos tais métodos como não consentimos que eles sejam impunemente utilizados contra nós. Sobretudo porque o saldo francamente positivo do trabalho das Direcções anteriores (ou teria o prestígio nacional da AAC nascido em Março último, de um momento para o outro?) não se ficou a dever exclusivamente àqueles que entre nós que são comunistas. Consideramos profundamente injusto para com dezenas de antigos dirigentes que não são nem foram comunistas esquecer pura e simplesmente todo o esforço que desenvolveram cumprindo mandatos conferidos pelos estudantes em eleições.

Em segundo lugar, a própria natureza das acusações, utilizando expressões suficientemente vagas para servirem de manto à irresponsabilidade de quem as escreveu, e suficientemente violentas para iludirem os incautos, justificam a nossa tomada de posição. Quem não reagiria se, com consciência tranquila, se visse acusado de "saque generalizado", "destruição de tudo quanto possa subsistir de válido e construtivo", "manipulação", "roubo", "fraude institucionalizada como prática", "escândalos perpetrados pelos colegas "progressistas"; etc.

Fique, no entanto, bem claro que não desejamos entrar em polémica com a actual Direcção Geral. Pensamos que cabe aos estudantes que hoje trabalham na Universidade apurar as causas e as intenções da actuação dos seus dirigentes. Apenas pretendemos esclarecer perante a opinião pública em geral e, naturalmente, os estudantes,

aqueles aspectos da nossa acção passada que foram distorcidos, manipulados ou inventados.

Só lamentamos que a calúnia, arma irresponsável de mal-intencionados, possa tão facilmente dar origem a aborrecimentos e a perdas de tempo com a reposição da verdade. Perdas de tempo que, a muitos de nós, já ex-estudantes e com actividade profissional, não deixam de prejudicar. Bem como aos estudantes de hoje que, em vez de disporem de condições propícias à actividade associativa, para estimular o convívio e os hábitos de trabalho colectivo, se vêm envolvidos numa manobra de diversão e de desgaste que desprestigia a sua Associação.

Mas passemos aos factos:

1 - O CASO DA DOAÇÃO DOS AVIÕES DA A.A.C. À CIDADE DE COIMBRA

A A.A.C. possuía, de facto, três aviões que lhe haviam sido doados, em tempos, pela Força Aérea Portuguesa e que, em 1974, se encontravam em muito mau estado de conservação. A avultada quantia que se seria necessário dispendir às custas da A.A.C. para os repôr a funcionar bem como a manifesta falta de interesse dos estudantes pela Secção de Aeronáutica, onde se registou um reduzidíssimo número de inscrições, levou a considerar a hipótese de os doar à cidade de Coimbra.

Através da Câmara Municipal seria muito mais provável conseguir que os aviões, pudessem de facto, servir a alguém. Só que, neste caso, o usufruto era de toda a população da cidade, estudantes incluídos.

O processo de doação é, porém, burocraticamente muito complicado. Daí, o processo de venda simbólica, que não deparava com tantos entraves, apressando a possibilidade de reparar as máquinas, em menos tempo e com menos dispêndio, já que se evitava uma deterioração ainda maior.

Na versão da calúnia, este procedimento foi caracterizado como "milhares de contos levianamente delapidados" (sic). Como exemplo de justificação seria difícil encontrar melhor.

2 - O TURISMO ESTUDANTIL.

O Turismo Estudantil foi uma estrutura nacional onde se encontravam representadas as Associações de Estudantes de todo o País, dos ensinos Secundário, Médio e Superior. Criada a partir da SIAEIST (secção de Intercâmbio da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico), desenvolveu um trabalho relevante na prestação de serviços aos estudantes, nomeadamente a organização de viagens, de campos de trabalho estudantil, campos de férias, estabelecimento de contactos

com organizações juvenis estrangeiras com vista ao intercâmbio, participação em festivais internacionais, organização de acampamentos, emissão de cartões internacionais de estudante (cartão reconhecido internacionalmente que confere certas regalias aos estudantes portadores do mesmo), emissão de cartas de campista.

Todo este conjunto de serviços era prestado a preços reduzidos, tendo largos milhares de estudantes portugueses beneficiado deles, no seu conjunto. Desenvolvendo, por natureza, uma actividade não lucrativa, o Turismo Estudantil necessitou, por diversas ocasiões (apesar de tudo, escassas) do apoio financeiro das Associações de Estudantes que, apenas participantes ou membros da sua direcção colectiva, estavam em melhores condições de o prestar. Foi o que se passou em 1974/75, com a A.A.C., que ficou credora de um empréstimo de 300 000\$00. Note-se que, não só este empréstimo foi realizado com o conhecimento da Reitoria da Universidade como é acompanhado da necessária justificação no balanço de contas da Direcção Geral desse ano.

Creemos ser de novo necessário, como antigos dirigentes associativos, recordar aquilo que os actuais parecem desconhecer. O Turismo Estudantil foi uma realidade, e uma realidade que beneficiou muitos estudantes. Funcionou em Coimbra, primeiro na rua da Ilha e depois na A.A.C., na mesma sala onde hoje, segundo apurámos, são emitidas cartas de campista. Para que conste. Aos estudantes e aos seus actuais dirigentes.

3 - CONTRATAÇÃO DE PESSOAL

Logo após o 25 de Abril foi necessário pôr de pé toda uma Associação que estivera encerrada vários anos pelos ministros de Salazar e, depois, de Caetano. Foi necessário estruturar serviços existentes e dotá-los de pessoal, começar com embriões de outros.

Se hoje a A.A.C. conta com uma gama de serviços das mais vastas entre as Associações de Estudantes de todo o país, tal facto deve-se ao trabalho desenvolvido pelas Direcções que geriram a Associação desde o 25 de Abril de 1974 até à posse da actual D.G.. Um trabalho gradual de montagem, ampliação e aperfeiçoamento de serviços deu origem a que hoje existam na A.A.C. uma Livraria, uma papelaria, um serviço de Textos com vários duplicadores, um "off-set" com a respectiva aparelhagem auxiliar e um serviço de fotocópias, uma Secretaria e um serviço de Contabilidade e Tesouraria.

Tudo isto veio exigindo que houvesse um número crescente de pessoal profissionalizado, já que as dimensões atingidas não se compadecem com amadorismos de estudante ou ocupações em part-time. Praticamente todas as Direcções da A.A.C. até hoje sentiram necessidade de alargar o corpo de funcionários.

A actual D.G. chama a isso "contactos entre a Associação Académica de Coimbra e destacados militantes comunistas" (sic!). Somos levados a crer que, se não tivesse havido a notável expansão de serviços que se verificou, as Direcções anteriores seriam acusadas de qualquer coisa como "mandriagem revolucionária e desprezo pelos interesses dos estudantes", ou algo semelhante. Preso por ter cão e preso por não ter é a política normal da colónia, serve em qualquer circunstância. Porém, pode não colher.

4 - DELEGAÇÃO DA A.A.C. AO FESTIVAL INTERNACIONAL DA JUVENTUDE E DOS ESTUDANTES

Não foi "turismo". O que aconteceu em Cuba, como em anos anteriores noutros países, foi o FESTIVAL MUNDIAL DA JUVENTUDE E DOS ESTUDANTES, que é apoiado por organizações juvenis de todo o mundo, incluindo os sociais-democratas e os democratas-cristãos (à excepção das suas congéneres portuguesas, talvez porque não sejam sociais-democratas e muito menos democratas-cristãos).

A participação portuguesa, que já antes do 25 de Abril se fazia em termos de clandestinidade, incluía estudantes e logicamente entre estes, uma representação da A.A.C. Era inequivocamente justo participar.

Esclarecemos ainda que os delegados que couberam à A.A.C., embora pudessem ser nomeados pela D.G., não o foram. Foram todos eleitos em reuniões gerais de estruturas associativas, excepto o delegado da D.G. que foi, naturalmente, eleito por esta. Assim procurou-se eleger delegados que cobrissem os vários sectores da vida associativa (cultural, desportiva e pedagógica), e todos esses sectores contribuíram financeiramente para a deslocação desses delegados. Todavia, não lhes pagaram a participação e toda a viagem. Seria ridículo pensar que o número indicado pela actual D.G. (70.000 escudos), fosse suficiente para custear essas deslocações, bem como a contribuição dos jovens portugueses para o fundo internacional de solidariedade. O que acontece é que a delegação da A.A.C. se integrou na grande delegação nacional, e esta desenvolveu as mais diversas iniciativas públicas de difusão

dos ideais de PAZ, AMIZADE e SOLIDARIEDADE, e de recolha de fundos para custear a sua participação.

Parece-nos importante ainda referir, sobretudo para esclarecimento dos actuais dirigentes da A.A.C., que uma delegação a um festival deste tipo não vai só, nem principalmente, divertir-se e fazer "turismo". Vai sobretudo trabalhar. O aspecto exterior de grande espectáculo cultural e desportivo que assume o Festival não é mais do que uma manifestação paralela a um intenso trabalho de contactos bilaterais ou multilaterais no sentido de estabelecer acordos, planificar acções ou campanhas de solidariedade, dar conferências de imprensa, etc..

Poderá a actual D.G. ter razão se entender por "turismo" o trabalho que se faz com alegria. Podemos não concordar com a terminologia mas damos-lhes razão. Ao menos neste ponto.

5 - O CONSELHO CULTURAL DA A.A.C.

Este órgão existe na A.A.C. desde 1974 e surgiu como resultado da necessidade de criar uma estrutura coordenadora do trabalho cultural na Associação. Inicialmente com representantes apenas da D.G. e das secções culturais, foi posteriormente alargado à participação dos autónomos da Academia (TUNA, CITAC, TEUC, CMUC, ORFEON, CELUC e GEFAC), no sentido de conferir um maior dinamismo e amplitude ao trabalho cultural dos estudantes da Academia de Coimbra.

Creemos que apenas o total desconhecimento da prática associativa pode levar os actuais dirigentes da A.A.C. a considerar o Conselho Cultural uma espécie de acesso destinado a entravar a sua acção e não um órgão auxiliar importante na frente cultural.

6 - A DIVULGAÇÃO E DINAMIZAÇÃO CULTURAIS E DESPORTIVAS

O trabalho das diversas estruturas e Direcções Associativas nesta frente foi classificado pela actual D.G. de "folclóricas digressões pelo Alentejo "libertado" (sic!).

Neste capítulo deve dizer-se, em abono da verdade, que um dos traços mais relevantes do trabalho das estruturas culturais e desportivas da A.A.C., que estas levam a cabo com o já conhecido entusiasmo e espírito de sacrifício, é o de levar espectáculos e realizações culturais e desportivas pelo país fora, em particular àquelas regiões que, mais pobres e desfavorecidas, sentem grandes carências a este nível. Não só nem principalmente ao Alentejo. Uma estatística dessa actividade (que a D.G. devia conhecer se desempenhasse cabalmente as suas funções) revela que a esmagadora maioria das iniciativas do âmbito referido se têm realizado na zona norte e centro do país.

7 - O ASSALTO À SECRETARIA DA A.A.C.

Restrito à Direcção cujo mandato terminou em Março último, este assalto o foi imediatamente comunicado à Polícia Judiciária. As investigações não conduziram até agora, porém, a resultados positivos quanto à detecção de presumíveis culpados.

Entremeando as demais acusações que são feitas às Direcções Associativas anteriores, a referência a este "estranho assalto" aparece indubitavelmente como tentando envolver a Direcção de 1978/79. O que não deixa de ser ridículo porquanto qualquer Direcção possui as chaves da secretaria, não precisando de arrombar portas e, além disso, não parece plausível que uma direcção se interesse em remexer os seus próprios arquivos, os quais foram encontrados em desordem após o assalto.

Temos que confessar não estarmos habituados a métodos tão ras- teiros...

8 - AS "COMISSÕES DE LUTA" DA ACADEMIA

Que significado pode ter senão mistificar, colocar sem mais explicações num comunicado: "Comissões de Luta da Academia 78.000\$00, Fausto Cruz 62.159\$00.

Para os estudantes que não viveram esses processos de luta da Academia, tais "enigmáticas" Comissões de Luta foram estruturas eleitas em Assembleia Magna para coadjuvarem a D.G. da A.A.C. da altura da luta pela reabertura da Universidade encerrada pelo M.E.C. e pela libertação do colega Fausto Cruz. Com toda a legitimidade as D.D.(s) as apoiaram no seu trabalho, que mais não foi do que executar as decisões dos estudantes de Coimbra tomadas em Assembleia Magna.

9 - SOBRE AS "DELAPIDAÇÕES" E O "SAQUE GENERALIZADO"

O adjectivo fácil, o insulto gratuito, o grito histórico, sempre foram armas dos que tentam compensar a sua mediocridade e incapacidade de realização. Pôr-se em bicos de pés sobre a calúnia que se lança, eis o método que a D.G. prossegue para parecer alguém.

Não prova, quem nos acusa, a acusação que faz. De facto cumpriria à D.G. provar as acusações que faz em não a nós provar que não são verdadeiras. Todavia, por respeito aos estudantes que não viveram os acontecimentos dos anos anteriores, assim faremos.

Para que não fiquem dúvidas quanto à gestão das anteriores D.G.s eliminando qualquer sombra de dúvida que possa subsistir, reduzindo assim as acusações de "delapidação" e "saque generalizado" às suas verdadeiras dimensões:- puras mentiras -, apresentamos os resumos dos

relatórios de contas da A.A.C. desde 1974, devidamente autenticados pelos respectivos serviços de contabilidade.

	1974	1975	1976	1977	1978
	Abril/74 a 20/1/75	21/1/75 a 24/1/76	25/1/76 a 28/1/77	29/1/77 a 27/1/78	28/1/78 a 30/1/79
Receitas	3 146 584\$60	4 257 452\$80	7965 411\$00	5 876 369\$20	7 690 427\$30
Despesas	2 691 034\$70	4 644 749\$70	6467 414\$40	6 929 206\$40	7 654 327\$50
Saldo	455 549\$90	68 253\$00	1566 249\$60	513 412\$40	549 512\$20
Devedores	275 611\$70	459 197\$00	458 130\$80	500 030\$50	617 382\$60
Credores	2 171 514\$80	106 423\$70	57 349\$20	249 799\$90	256 489\$00

Como se vê os dados são claros e convidamos todos os estudantes a verificar todos os detalhes que se lhe relacionam, nos arquivos da A.A.C.. Fica assim provado que as anteriores D.G.s souberam gerir a A.A.C. e, simultaneamente desenvolvê-la e conduzi-la à sua dimensão actual. A actual D.G. sabe disso, não é cega, mente e calunia premeditadamente sem respeito pelo trabalho das que a antecederam e pelos estudantes em geral, talvez para esconder a sua incapacidade de trabalhar à altura das responsabilidades que lhe foram conferidas.

Damos por concluída a nossa tarefa de esclarecimento. Foi, para nós penoso, executá-la, por duas ordens de razões. Uma, porque não esperávamos que alguém viesse um dia a atirar lama sobre o trabalho que desenvolvemos enquanto estudantes e dirigentes associativos, certos como estamos que fizemos o melhor que podíamos e sabíamos, e que nos retirámos com a consciência tranquila. A outra porque é sempre desagradável rebater calúnias. Diz o povo que vozes de burro não chegam ao Céu. Mas também não é menos certo que a mentira, de tanto repetida, faz as pessoas crerem que é verdade. Foi por isso que viemos a público com este documento.

É um documento extenso, que nos roubou tempo. É ele a melhor prova de que a calúnia é uma arma fácil e a honestidade uma atitude que é mais difícil de sustentar. Uma pequena prova é que dois pequenos comunicados irresponsáveis obrigaram à publicação de um documento com a extensão que se verifica.

Nós, no entanto, não abdicaremos dessa atitude. E damos o caso por encerrado, no que toca a esclarecimentos públicos escritos. cremos que, a partir de agora, as eventuais calúnias e mistificações que façam os actuais dirigentes associativos sobre o nosso trabalho, cairão em saco roto. Não terão crédito. O futuro próximo dar-nos-á razão.

Dirigentes da Associação Académica de Coimbra
desde Maio de 1974 até Março de 1979.

Abrunhosa - 77/78	José Fernandes -74
Amílcar -77/78	Jorge Trego Simões -74
Anabela Santos -77/78	Joaquim Cabeças -74
António Rodrigues -74/75;77/78	José Frederico -74
António Barros - 77/78	Júlio Roldão -74/75
António Martins -74 ;74/75	Judite Castro -74/75
Arlindo Rodrigues -74	Júlio Teixeira -77/78
Bandeira - 74/75	Luís Carlos Januário -74
Carlos Amorim - 74	Luís André -74
Carlos Campolargo - 74	Luís Rosário -74/75
Carlos Ferrer - 74/75	Maria Regina Pinho -74
Carlos Santos -77/78	Paulo Vasco -74/75
Carlos Silva - 77/78	Paula Vicente -77/78
Couceiro -77/78	Rui Macedo -74
Cristina Correia-77/78	Seabra -74/75
Dourado -74/75	Santos -74/75
Eugénia Vasco -74	Saragoça -77/78
Elsa Vasco -74/75	Teresa Paiva -77/78
Ferreira Mendes -74	Teresa Oliveira -77/78
Fátima Ribeiro -77/78	Vergílio -74;74/75
Figueiredo -77/78	José Trocado -74
Guida Viegas -74/75	Figueiredo Fernandes -77/78
Glória Branco -74/75;77/78	Cabrita -76/77
Graça - 77/78	
Henrique Vieira Gomes -74	
João Coelho -77/78	
José Reis -76/77	
José Gabriel -74/75;77/78	
João Gouveia Monteiro -77/78	
João Saraiva - 77/78	
José Romão -77/78	
José Augusto -77/78	
José Amaro -74/75	
Jorge Pratas -74;74/75	